

Uma abordagem semiótica da HQ Krazy Kat, de George Herriman

Seraphim Petroforte

o estranhamento

Em língua portuguesa, estranhamento significa admiração, espanto, pasmo diante do desconhecido ou do inesperado; assim definido, o “estranho” se afasta de comentários tais quais “não gostei porque não entendi”. Nesse modo de gostar, ou seja, não gostar porque não se entendeu quase nada, raramente há espaço para o estranhamento; quem gosta daquela maneira tende a se afastar de surpresas. Entretanto, muitas belezas se revelam estranhas, tais como Betty Davis, Jackson Pollock, Ornette Coleman, David Cronenberg; nessas circunstâncias, o estranhamento deriva, entre outros motivos, de certa incompreensão semiótica.

No universo da significação humana, vale lembrar, não há objetos fora da linguagem. Enquanto significação, os objetos, mediante linguagens, definem-se uns em relação aos outros; desse ponto de vista, a significação emana da linguagem, inclusive as valorizações semânticas capazes de determinar os limites e os alcances da beleza, suas singularidades e seus estranhamentos. Isso posto, no universo das histórias em quadrinhos, entre as obras inusitadas, encontram-se, certamente, as histórias de Krazy Kat, de George Herriman.

ratos, gatos e cachorros

Os desenhos animados e as histórias em quadrinhos são povoadas por ratos, gatos e cachorros: (1) muitos atuam sozinhos – Mickey Mouse, Felix, Dom Pixote –; (2) outros, em grupos ou ao lado dos donos – Manda Chuva e sua turma, Brian e Peter Griffin, Snoopy e Charlie Brown –; (3) alguns formam duplas ou trincas antagônicas – Tom e Jerry ou Plic, Ploc e Chuvisco –, a maioria composta por ratos versus gatos, recorrendo-se, em algumas aventuras, a cachorros para intensificar os conflitos – o Tom, várias vezes, encontra-se perseguido por um buldogue; em Krazy Kat e Ignatz Mouse, o guarda Pupp é um cachorro –.

Em Krazy Kat, em vez da tradicional luta por comida, em que gatos perseguem ratos, não aparece o tema da seleção natural. Na HQ, diferentemente, o gato, apaixonado

pelo rato, torna-se sua vítima constante; o guarda Pupp, amigo do gato, vela por ele e cuida de o proteger contra as agressões do rato, as estranhas tijoladas de Ignatz Mouse. Dessarte, criados por George Herriman no início do século XX, as três personagens, ao lado de algumas aves e mamíferos, habitam um mundo bastante singular no universo das histórias em quadrinhos.

Dessarte, em meio a todos os bichos, não se cuida de estudar a totalidade da obra de Herriman; também não se analisam, exaustivamente, as numerosas histórias de Krazy Kat, difíceis de encontrar até em seu próprio país. O *corpus* deste trabalho, portanto, restringe-se a uma antologia publicada pela Opera Graphica Editora, lançada no Brasil em 2003, com HQs publicadas nos EUA durante o ano de 1926; há, ainda, outro recorte, pois o tópico estudado se foca, exatamente, na insistência de Ignatz Mouse nas tijoladas – uma insistência também de Herriman –, ou seja, a ação que caracteriza e une o rato, o gato e o cachorro.

as tijoladas

Sem as tijoladas, praticamente não existiria Krazy Kat. Semelhantemente a boa parte dos artistas das histórias em quadrinhos, Herriman publicou nos jornais da época; seu trabalho pertence à primeira geração de quadrinistas dos Estados Unidos da América, colocando-o entre os fundadores da arte da HQ.

Nessas circunstâncias, o *corpus* se resume a tiras de jornais; das 44 tiras, apenas uma não segue esta formatação: (1) uma charge depois do título; (2) 8 quadrinhos dispostos em 2 páginas – 3 quadrinhos na página da esquerda, 5 quadrinhos na página da direita –; (3) entre o 4º e o 5º quadrinhos, há outra charge inserida na totalidade do texto. Além desse sintagma, em que se articulam uma HQ e duas charges na formação do texto, há outra constante na obra garantindo a coerência semântica, isto é, toda a trama do universo de Krazy Kat se subordinada à repetição narrativa, cuja performance se realiza quando Ignatz Mouse consegue, apesar das proibições do guarda Pupp, atirar um tijolo em Krazy Kat.

Isso faria da relação gato vs. rato imaginada por Herriman outra variação do que se repete nos desenhos de Tom e Jerry, Plic, Ploc e Chuvisco, Bacamarte e Chumbinho, Ligeirinho e Frajola? Seriam Ignatz Mouse e Krazy Kat uma variante menos violenta dos sucessores Comichão e Coçadinha, de Matt Groening, ou dos quadrinhos *Squeak the mouse*, de Mattioli?

Entre as investidas dos gatos iracundos – Tom, Chuvisco, Bacamarte – e as reações dos ratos em legítima defesa – Jerry, Plic e Ploc, Chumbinho –, a relação entre Ignatz Mouse e Krazy Kat parece próxima das manias sádicas de Comichão e Coçadinha em virtude de o gato malvado não caçar ratinhos, mas do gato bonzinho, excessivamente ingênuo, tornar-se vítima do rato sociopata. No entanto, a HQ se afasta da violência em demasia caracterizada por gatos e ratos se estraçalhando em banhos de sangue, tripas, tiros e facadas, ao estilo de Matt Groening ou Mattioli; vale lembrar, cenas assim se presentificam, embora com menos ênfase, em outras duplas ou trincas. Em vista disso, uma tijolada na cabeça, sem dúvida, expressa bastante violência, todavia, em Krazy Kat, a recorrência leva a crer em algo diferente da tematização da brutalidade por hipérbole, como ocorre em Comichão e Coçadinha e *Squeak the mouse*; além disso, no lugar de envenenamentos, cortes, mutilações etc., na HQ de Herriman, Ignatz Mouse se vale, invariavelmente, dos tijolos.

Tomada facilmente por atitude sem sentido, tal estratégia narrativa, que garante a semiose das tiras de Krazy Kat, levaria a crer que sua função se limita a não fazer sentido, em uma tira também sem sentido; afinal, qual a significação de uma HQ tematizando sempre a mesma coisa, resumindo-se a tijoladas? A seu modo, talvez Herriman seja artista conceitual antes da cunhagem do termo pelas vanguardas estadunidenses na segunda metade do século XX; se isso procede, a repetição significaria além do *nonsense*. Para prosseguir e confirmar essa última impressão, convém analisar a semiose das tijoladas, buscando especificar, na dinâmica da narrativa, suas ocorrências.

Isso posto, a tira do dia 14 de fevereiro de 1926 mostra-se um bom exemplo da explicação semiótica das tijoladas de Herriman que se pretende propor, porque explicita, enfaticamente, a retórica em que a atitude do rato encontra alguma significação. Eis a história:

Krazy Kat

by
Herriman



14 DE FEVEREIRO DE 1926



(*) N.T.- Abacaxi (abaixaqui, de acordo com Krazy) é a tradução em português para pineapple, daí o uso do trocadilho. Pine, por sua vez, é o termo em inglês para definhar.

(*) N.T.- Neste balão, Krazy faz vários trocadilhos se valendo do termo *eppils*, que ele usa para se referir a palavras como *maçã/machã* (apple) e *apelo/apelho* (appeal). Krazy chama a cidade norte-americana de Minneapolis, por exemplo, de *Minnie Eppils* (aqui, *Minnie Machã*). Refere-se também à *meninha* (menina) dos olhos, que em inglês é *apple of the eye*.





Por meio da trama, percebe-se que Ignatz Mouse acerta Krazy Kat quando ele/ela – não se sabe ao certo se Krazy é gato ou gata – realiza aquilo que o/a caracteriza tanto quanto as tijoladas de Ignatz, quer dizer, sua deriva para construir a linguagem por meio de delírios figurativos; insiste-se, quando se trata de linguagem verbal, ao que se poderia chamar, com inspiração nos estudos de Ferdinand de Saussure a respeito do tema, percursos anagramáticos.

Para Saussure, o anagrama se forma quando uma palavra ressoa em outras palavras; desse ponto de vista, aliterações, assonâncias, rimas, paronomásias, acrósticos e os tradicionais anagramas – palavra obtida pela transposição das letras de outra palavra – passam a ser considerados, genericamente, anagramas.

Dessa perspectiva, o tradutor Heitor Pitombo, cuidadosamente, atenta para as falas do gato e as dificuldades de reproduzir, em português, o original em inglês. De acordo com as notas, Krazy Kat realiza vários trocadilhos com as palavras *pine*, *pineapple*, *apple*, *appeal*, *apple of the eye*, *Minneapolis* etc., insistindo, mediante jogos verbais, no ressoar das palavras umas nas outras ao longo do discurso; isso ocorre na HQ do primeiro ao sexto quadrinho quando, no sétimo, ocorre a tijolada e, no oitavo e último quadrinho, a reprimenda do guarda Pupp. A tijolada, portanto, coloca fim nos delírios anagramáticos do gato e permite propor, pelo menos, duas questões: (1) trata-se de particularidade dessa tira ou há tal em toda a série; (2) se for recorrência, qual seria seu estatuto semiótico.

Embora frequentemente, não é sempre que Krazy Kat compõe anagramas; contudo, os percursos anagramáticos do gato concordam com um processo semiótico mais geral, invariavelmente presente: Krazy Kat vive em um regime semiótico delirante; tanto nas falas quanto em ações, o gato articula uma visão de mundo que vai de encontro, como as tijoladas vão de encontro a ele, a visões supostamente mais realistas, inclusive, a contundente realidade das tijoladas. Dessa maneira, entre outros temas, apresenta-se a hipótese de que Krazy Kat, talvez, coloque em discussão o estatuto da própria linguagem em que as personagens da tira ganham existência semiótica.

a formação da realidade

O pressuposto da linguística saussuriana de que as línguas não se reduzem, simplesmente, a nomenclaturas – nas quais se estabelecem apenas relações entre nomes e coisas –, mas constituem princípios de classificação com vistas à construção de visões

de mundo, permite afirmar que a significação se gera primeiro na linguagem para, depois, projetar-se no mundo, dotando-o de sentido. Derivada desses mesmos princípios teóricos, a semiótica estende tal concepção construtiva para os demais sistemas semióticos além do verbal quando identifica o conceito de linguagem a sistema semiótico; contudo, torna-se necessário explicar, mesmo concordando com a visão construtiva da linguagem, os efeitos de referência gerados nos processos de significação.

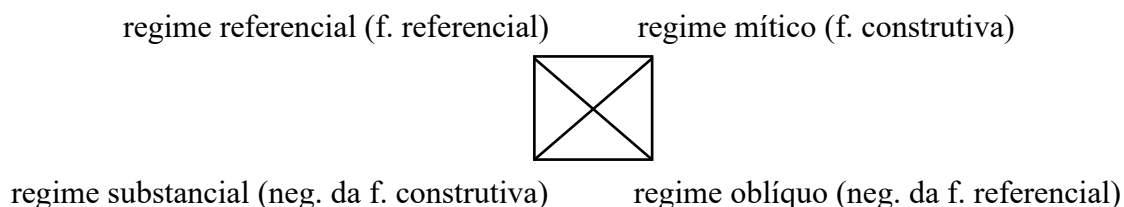
Em suas propostas semióticas, Jean-Marie Floch (Floch, 1995: 183-226) mostra que a função construtiva da linguagem contraria a função referencial, pois, na primeira, explicita-se a geração de sentido mediante a linguagem, enquanto, na segunda, cria-se a ilusão da linguagem se referir a fatos e coisas do mundo, como em nomenclaturas. Dessa maneira, dependendo das articulações semióticas realizadas, tudo se constrói por meio da linguagem, ora os afeitos de sentido construtivos ora os referenciais. Na semiótica da fotografia, em estilos próximos de Sebastião Salgado, apesar de carregados de efeitos poéticos, encontram-se tendências para a função referencial da linguagem, enfatizando a fotografia como registro ou documento; contrariamente, em estilos afeitos a Man Ray, insiste-se na construção de novos sentidos, afastando-a daquele primeiro papel. A esses dois regimes contrários de articulação da realidade, Floch chama, respectivamente, referencial e mítico.

Não se trata de explorar, no entanto, os muitos recursos semióticos de tais efeitos de sentido, mas de focar, apenas, as tijoladas de Ignatz Mouse. Assim prosseguindo, sabe-se que, em meio aos mecanismos semióticos da função construtiva da linguagem, encontram-se a metalinguagem e a poesia, porquanto: (1) na metalinguagem, quando se utiliza a linguagem para cuidar dela mesma, denuncia-se que o sentido se gera em construções semióticas; (2) na poesia, porque nela se explicitam novos sentidos gerados por meio da linguagem, feito ocorre na tira do dia 14/02/1929 em que a semiose delirante do gato se manifesta nos anagramas da palavra *apple*.

Observando as aliterações, metáforas e paronomásias na sequência *pine*, *pineapple*, *apple*, *appeal*, *apple of the eye*, *Minneapolis*, verificam-se efeitos poéticos, traçados por meio do léxico, na construção de variadas significações; leva-se a crer que, em Krazy Kat, afirma-se, em sua semiose, a função construtiva da linguagem. Nessas circunstâncias, a tijolada, incorporada à trama, também participa do universo delirante da tira, mas não apenas dos delírios anagramáticos, inserindo-se, isto sim, nos demais componentes do texto, tais quais o cenário, mudando constantemente, ou quando as personagens desaparecem, saltando de e para lugares inesperados. Entretanto, embora

expressando outro elemento maluco da fábula encenada por Herriman, a tijolada promove uma parada, bastante breve e pontual, na forma mítica de significação; nessa parada, sem força suficiente para encaminhar a função referencial da linguagem – pois, logo após a pancada, todos permanecem no mundo de Krazy Kat –, apenas se nega a função construtiva.

Em sua abordagem, Floch prevê a dedução de outros dois regimes de construção da realidade: (1) o regime substancial, quando se nega a função construtiva com a suposta objetividade das coisas; e (2) o regime oblíquo, quando se nega a função referencial mediante estranhamentos no suposto mundo real. Nessa proposta, os quatro regimes se articulam no seguinte quadrado semiótico:



Nessa semiose, a tijolada realiza o regime substancial em meio aos delírios poéticos, próprios do regime mítico do mundo possível de Krazy Kat. Se isso procede, determina-se não apenas o modo de coerência semântica, regente da semiose da série em sua totalidade, mas permite, ainda, duas especulações: (1) a respeito da sintaxe regular da disposição dos quadrinhos; (2) a propósito dos mecanismos retóricos dessa semiose metalinguística, na qual Krazy Kat tematiza, mediante os quadrinhos, a linguagem da HQ.

a coerência semântica na disposição sintática

Recapitulando, na antologia publicada pela Opera Graphica Editora, das 44 tiras, 43 possuem a mesma disposição sintática: (1) 1 charge depois do título; (2) 8 quadrinhos dispostos em 2 páginas – 3 quadrinhos na página esquerda e 5 quadrinhos na página direita –; (3) entre o 4º e o 5º quadrinhos, insere-se outra charge, conforme no exemplo citado do dia 14/02/1926.

A primeira charge, aquela logo abaixo do título da série, assume a função de apresentar as personagens principais da tira, ou seja, o gato, o rato e o cachorro; nas 44

tiras, a charge inicial do dia 14 se repete 15 vezes, ao lado de outras duas variações, que se repetem também. Dessa maneira, com função de apresentação, a repetição se justifica, pois sua significação se concentraria nisso; a segunda charge, porém, merece mais atenção.

A segunda charge, aquela entre o 4º e o 5º quadrinhos, semelhantemente às tijoladas, revela-se outro elemento estranho nas fábulas de Herriman. Do ponto de vista do *nonsense*, ela se torna mais um elemento sem sentido em meio a tantos de Krazy Kat, todavia, do ponto de vista da construção da realidade, sua função, talvez, seja estabelecer a significação contrária às tijoladas; a seu modo, nega-se a função construtiva da linguagem, quer dizer, o regime mítico, realizando-se, assim, o regime oblíquo.

Nas tiras dos meses de janeiro e fevereiro, a segunda charge se forma por figuras da paisagem natural, geralmente montanhas, e, às vezes, alguns vilarejos; entretanto, a partir do final do último mês, personagens da tira invadem, lenta e paulatinamente, a natureza e os vilarejos, que, durante quase dois meses, pareciam distantes dos delírios figurativos dos oito quadrinhos, nos quais acontecem as tijoladas. Dessa forma, ao apresentar, pelo menos no início, cenários distantes do regime mítico em que se passam as aventuras de Krazy Kat, essa segunda charge afirmaria, com as paisagens, o regime referencial da linguagem; contudo, quando personagens do mundo delirante de Herriman transitam por aqueles lugares, apresenta-se, na segunda charge, o lugar do texto em que o regime referencial das paisagens se encontra negado pela intromissão das personagens da tira, manifestando-se, conseqüentemente, o regime oblíquo.

Em síntese, Krazy Kat se desenvolve entre duas semióticas: (1) a semiótica do regime mítico de Krazy Kat e sua negação no regime substancial, marcada pelas tijoladas; (2) a semiótica do regime referencial das paisagens e sua negação no regime oblíquo, marcada pela intromissão, nas paisagens, das personagens da tira. Dessarte, a coesão sintática entre os quadrinhos e as charges – tão constante como as tijoladas – assume a função de manifestar a coerência semântica estabelecida pelos percursos entre os quatro regimes semióticos de formação da realidade.

a insinuação metalinguística

Se as observações anteriores procedem, as diferentes variações temáticas e figurativas desenvolvidas ao longo das aventuras de Krazy Kat se regem por uma constante semiótica, formada pela articulação entre a coesão sintática de duas charges e

uma tira na mesma HQ e pela coerência semântica em que a temática da formação da realidade, entre as funções referencial e construtiva da linguagem, recobre-se pelas figuras do mundo de Krazy Kat e as tijoladas.

Por fim, a última questão: se as tijoladas significam a constante semiótica determinada, cabe indagar qual o significado dessa constante, além das tijoladas. Quanto à geração do sentido, semelhantemente à linguística e à semiótica, mas com o revestimento figurativo de um mundo maluco e aparentemente sem sentido, termina-se por discutir, na tira e nas tijoladas, o estatuto da significação. Em outras palavras, na temática *função referencial vs. função construtiva* da linguagem, em Krazy Kat insinua-se a temática metalinguística em que a história em quadrinhos trata de si mesma, mediante a constante semiótica obstinadamente expressa, regente da totalidade do texto.

Para concluir, ao tematizar a semiose em que se constrói, a leitura de Krazy Kat permite indagar se todo discurso artístico – sejam anagramas sejam delírios narrativos ou visuais –, enquanto afirmação da função construtiva da linguagem – portanto, de sua demonstração enquanto construção semiótica – não implicaria, nem sempre explicitamente, que todo poético se revela metalinguístico; em Krazy Kat, revela-se que, em sua dimensão construtiva, arte implica metalinguagem.

bibliografia

- FLOCH, J. M.(1995). *Sémiotique, marketing et communication*. Paris: PUF.
- HERRIMAN, G. (2003). *Krazy Kat, tudo por amor*. São Paulo: Opera Graphica Editora.
- SAUSSURE, F. de (1978). “As palavras sob as palavras” em *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural.

São Paulo, 13 de abril de 2026